

APONTAMENTOS SOBRE A IDENTIFICAÇÃO E DOCUMENTAÇÃO PRELIMINAR DE COLEÇÕES
ARQUEOLÓGICAS DE MORADORES DO BAIXO PAPALOAPAN, ESTADO DE VERACRUZ – MÉXICO

Sebastião Lacerda de Lima Filho¹

Xochitl del Alba León Estrada²

Rosa Maria Amador³

Karina Lima de Miranda Pinto⁴

1 Investigador Colaborador del Museo La Casa de las Mariposas de Tlacojalpan, Bajo Papaloapan, Veracruz, México. Member/Researcher at AEA-UCL, United Kingdom & Pesquisador Colaborador do LAP/UNEB, LABAP/UEPB & LEA-LEARQ/UFPE, Brasil.

2 Profesora Investigadora de El Colegio de Veracruz, México. Investigadora CONACYT.

3 Directora del Museo Comunitario La Casa de las Mariposas de Tlacojalpan, Bajo Papaloapan, Veracruz, México.

4 Dra em Arqueologia pelo PROARQ/UFS. Diretora da Kariri Arqueologia e Patrimônio Cultural, Brasil.

RESUMO

O presente trabalho tem a intenção de divulgar e chamar atenção para o patrimônio arqueológico do tipo “*figurillas de barro*”, recipientes cerâmicos, ferramentas líticas (muitas delas de obsidiana) e muitos outros vestígios materiais, amplamente encontrados em posse de moradores que vivem na região do Baixo Papaloapan, especialmente nas cidades Tlacojalpan, Paraíso Novillero e Otatitlán. Este trabalho é uma tentativa de identificar essas coleções arqueológicas muito delas recolhidas por pescadores e agricultores nas proximidades do Cerro de La Campana, formação geomorfológica do tipo terraço nas margens do rio Papaloapan, e que se configura como uma espécie de necrópole funerária. Portanto, este artigo inicial atua como forma de gerar informações e dialogar na tentativa de construir uma arqueologia social colaborativa e comunitária na região.

Palavras-chave: Documentação. Arqueologia Mesoamericana. Arqueologia Colaborativa/Comunitária.

RESUMEN

El presente trabajo pretende difundir y llamar la atención sobre el patrimonio arqueológico del tipo “*figurillas de barro*”, vasijas de cerámica, herramientas líticas (muchas de ellas de obsidiana) y muchos otros restos materiales, ampliamente encontrados en posesión de pobladores que habitan la región del Bajo Papaloapan, especialmente en las ciudades Tlacojalpan, Paraíso Novillero y Otatitlán. El presente trabajo es un intento por identificar estas colecciones arqueológicas, muchas de ellas recolectadas por pescadores y agricultores en las cercanías del Cerro de La Campana, una formación geomorfológica tipo terraza a orillas del río Papaloapan, que se configura como una especie de necrópoli funeraria. Por tanto, este artículo inicial es una forma de generar información y diálogo en un intento por construir una arqueología social colaborativa y comunitaria en la región.

Palabras clave: Documentación. Arqueología mesoamericana. Arqueología Colaborativa/Comunitaria.

INTRODUÇÃO

O campo de estudo da Arqueologia Mesoamericana¹ é sem dúvida fascinante para quem se interessa por povos e grupos humanos que habitaram essa região de extensão continental. Para além dos grandes sítios como El Tajín, Chichén Itzá e Teotihuacan (México), Copán (Honduras), Tikal (Guatemala), encontramos sítios em regiões com menos visibilidade, mas que não deixam de apresentar relevância para se entender o quadro de ocupação, interação e transformação causada in loco. Neste caso, estamos falando de grupos que habitaram e

1 A Mesoamérica (cuja etimologia grega tem o significado aproximado de América intermédia) é o termo com que se denomina a região do continente americano que inclui aproximadamente o sul do México, e os territórios da Guatemala, El Salvador e Belize bem como as porções ocidentais da Nicarágua, Honduras e Costa Rica. Várias civilizações pré-colombianas entre as mais avançadas e complexas de toda a América desenvolveram-se aqui ao longo dos séculos anteriores à conquista espanhola do México, incluindo olmecas, teotihuacanos, astecas e maias. Trata-se de uma macrorregião cultural de grande diversidade étnica e linguística, cuja unidade cultural está baseada no termo complexo mesoamericano (PAUL KIRCHHOFF, 1943).

interagiram com a região da Cuenca del Papaloapan, no México, muito especialmente a região do Baixo Papaloapan, a citar os distintos grupos que ocuparam o Cerro de la Campana e o Sítio El Socorro, nas proximidades da cidade de Tlacojalpan e Otatitlán, no estado de Veracruz (JIMENEZ, 2001). A quantidade de material arqueológico identificado por diferentes projetos de pesquisa chama atenção para o potencial da região. Para além dos projetos de investigação realizados por universidades nacionais, a citar as variadas pesquisas capitaneadas pela Universidad Veracruzana, através do arqueólogo Pedro Jimenez e muitos outros professores, alunos e colaboradores, pudemos participar em campo de um projeto voltado para prática de uma Arqueologia Social Colaborativa, Arqueologia Comunitária e Ambiental, bem como estudos de Antropologia Cultural e Social, e foi através desse projeto multidisciplinar que surgiu a necessidade de identificar e catalogar a grande coleção de artefatos arqueológicos que puderam ser observados durante visitas as casas de moradores locais nas diferentes cidades e comunidades diretamente relacionadas com o rio Papaloapan.

Dessa forma, objetivando levantar dados para construir um quadro de informação complementar, este trabalho atua como meio de sinalizar sobre o potencial da região, ao passo que busca subsídios para reflexões posteriores no campo do que convencionalmente chamamos de coleções arqueológicas. Essas coleções – mesmo que fora de contexto arqueológico – não deixam de fornecer informações para relacionar a produção cultural realizadas pelas populações que habitaram a região acima mencionada. Portanto, documentar, descrever e catalogar esses conjuntos é uma forma de garantir que a informação não se perca para além do(s) sítio(s) arqueológico(s)².

Esta pesquisa atua na esperança de agregar informações e objetivando a valorização desse patrimônio que se encontra em risco de desaparecer devido às cheias do Papaloapan³ e que termina carreando muitos desses vestígios rio abaixo. Para, além disso, é oportuno mencionar as diversas atividades ilegais como coleta e venda desse patrimônio por, e para grupos de pessoas e turistas que freqüentam a região, muito embora tal atividade do ponto de vista legal seja crime no México.

Assim, este trabalho preliminar busca apresentar algumas dessas coleções particulares, embora o foco seja as *“figurillas de barro”* (argila), também puderam ser identificadas recipientes cerâmicos, coleções líticas muitas delas de obsidiana e outros conjuntos de artefatos que atuam como elemento/vestígio complementar em muitas dessas coleções.

2 O objetivo aqui é apresentar, mas também realizar uma espécie de aproveitamento científico de **coleções arqueológicas**, tendo como objeto de estudo as **coleções encontradas sob guarda de moradores da região do Bajo Papaloapan (México)**, buscando caracterizar e posteriormente realizar um análise sob o aspecto formal e funcional. A investigação preliminar é uma apresentação geral de parte dessas coleções fotografadas no ano de 2020. Trabalhos mais sistemáticos e amplos serão realizados e divulgados em publicações futuras.

3 Papaloapan, do náhuatl Papalotl: “mariposa”, e apan: “lugar de”, “rio (lugar) das mariposas” (SIMEON, 1997). Segunda bacia hidrográfica em termos de seu fluxo na República Mexicana, com 900 quilômetros de comprimento (INEGI). Toda a Cuenca promove o estabelecimento, por milhares de anos, de aldeias que buscam a fertilidade de suas águas.

Mesmo porque, segundo os donos desses artefatos (muitos deles agricultores e pescadores) *“quase sempre esses vestígios são encontrados juntos no ambiente em que estamos trabalhando e é muito comum achá-los no dia-a-dia”*. Caminhamentos posteriores na região poderão corroborar muitas das informações obtidas.

Assim, se busca com esse trabalho cruzar informações do ponto de vista da documentação com a interpretação que a comunidade faz desse patrimônio. Fazendo isso, buscamos construir e abrir caminho para se pensar num conhecimento plural inclusivo, participativo e comunitário. O caminho é dialogar focado em vertentes da Antropologia e Arqueologia Colaborativa. Essas interações e diálogos são fundamentais para ampliar a noção de identificação e pertencimento, ao passo que permite que pesquisas posteriores na região liguem esse patrimônio ao Museo Comunitario La Casa de las Mariposas. Esta instituição atua como responsável pela salvaguarda desse patrimônio local/regional, e tem um papel fundamental na tarefa de resgatar a autoestima coletiva dos moradores do Baixo Papaloapan. Mesmo porque museus comunitários atuam como alicerce e mediador em questões como identidade, apropriação, ressignificação e, sobretudo na preservação e conservação (LIMA FILHO, 2020; KUHNS, 2008; VARGAS VELÁSQUEZ, 2007; SMITH, 2009).

Os pontos a seguir serão apresentados de forma sucinta, mas permanecem como um apelo para futuros trabalhos – tão necessários – na região do Papaloapan como um todo. Colaborando com a divulgação científica desse patrimônio, estamos, antes de tudo, construindo uma ciência participativa, afetiva e social na América Latina (STILLE, 2005; ATALAY, 2012; MILEK, 2018; MCGUIRE, 2008; FERREIRA, 2021). Como o antropólogo e arqueólogo Ian MacGuare (1999) enfatizou *“é necessário que construamos uma arqueologia como ação política colaborativa nas Américas”*. Feito isto, também estamos levantando dados sobre nós mesmos nessa dinâmica e interação. Isso é uma forma de viver, criticar e interagir com nossa comunidade e com o mundo. Portanto, estamos convencidos que para a durabilidade, manutenção e também proteção, esse patrimônio – neste caso os vestígios e sítios arqueológicos da região de Tlacojalpan, Paraíso del Novillero e Ótatitlan – devem ser colocado a disposição da comunidade e que seja possível construir uma noção de aproximação entre os sujeitos ativos que o integram, num misto de sentimento, afeto e responsabilidade social como um todo (Figuras 01).

A região epicentro desse trabalho chamada de Tlacojalpan é um município do estado de Veracruz, a cerca de 175 km da capital do estado, Xalapa. Tem uma superfície de 91,30 km². Ele está localizado nas seguintes coordenadas: 18°14'N 95°57'W. O nome vem da língua Náhuatl, Tlahco-xal-pan; que significa *“Na metade do banco de areia”*. O município de Tlacojalpan é delimitado ao norte por Cosamaloapan, a leste por Tuxtilla, ao sul pelo Estado de Oaxaca e a oeste por Otatitlán. É regada por riachos que são afluentes do rio Papaloapan (Figura 02). Na agricultura se destaca principalmente pela produção de milho, feijão, arroz, cana-de-açúcar e manga. Nas celebrações locais, se destacam a homenagem a San Cristobal (padroeiro da cidade), que ocorre no mês de janeiro, e a celebração em homenagem a Virgem de Guadalupe, que acontece no mês

FIGURA 02 – MAPA DA MALHA CENTRAL DA CIDADE DE TLACOJALPAN EPICENTRO DA PESQUISA. REGIÃO DO BAJO PAPALOAPAN, VER. – MÉXICO



FONTE: GOOGLE EARTH, 2021.

COLEÇÕES ARQUEOLÓGICAS E A NOÇÃO DE PATRIMÔNIO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Em se tratando da (re)utilização de coleções arqueológicas como mecanismo para legitimação da identidade local, casos como os constatados na Cuenca del Papaloapan podem ser observados em diferentes partes do globo. Essa noção de patrimônio como costumava enfatizar autores como Stiller (2005) “apresenta um paradoxo e uma contradição significativa e pode ser percebida através da ótica de ambos os envolvidos, de um lado as comunidades que se consideram descendentes desses povos antigos, e do outros os pesquisadores que buscam construir interpretações através das evidências materiais tendo como norte o rigor e a chancela da ciência tanto nos aspectos nacionais quanto internacionais” (STILLER, 2005; MARSHALL, 2002).

Pensar na noção de patrimônio é também refletir sobre os usos e reusos dessas coleções, assim como seu teor interpretativo, simbólico, político e social⁴.

Também é relevante discutirmos – ainda que de caráter sucinto – o que consideramos como patrimônio do ponto de vista terminológico. Assim, nesta apresentação preliminar consideramos que a palavra patrimônio se refere a bens materiais que são conquistados e transmitidos, muitas vezes em famílias e significa riqueza, acúmulo ou sucesso material. A própria etimologia da palavra, do latim *patrimonium* (*patri*=pai, *patriarca* e *monium*=recebido), demonstra o caráter hereditário e privado daquilo que a palavra designa. Entretanto, existem outros tipos de patrimônio, cuja noção de vínculo coletivo para sociedades e a humanidade só surgiu durante a Revolução Francesa. A partir desse momento, e de forma muito efetiva a partir da Segunda Guerra Mundial, que o mundo passou a conceber a ideia de patrimônio com um valor cultural, arqueológico, histórico e artístico. Foram criadas diversas convenções e reuniões com os governos de diversas nações para delinear as melhores formas de manejo, gestão, proteção e conservação de monumentos, sítios, obras de arte, danças, saberes, celebrações, entre outros componentes do patrimônio (RIBEIRO & LIMA FILHO, 2021; MILEK, 2018; FUNARI, 2012).

O que se percebe na literatura em geral – pelo menos para muitas regiões das Américas – é que este conceito ou ideia (CHIAOTTI, 2005), surge de modo aristocrático, voltado para as elites, definindo patrimônio apenas como cidades históricas, palacetes, teatros e igrejas ou conjuntos de monumentos isolados e quem apresentam uma relação direta ou indireta com a história oficial desses países. Em contrapartida, com o passar dos anos o que tem acontecido no país é a mobilização de comunidades locais para preservar aquilo que as próprias julgam ser seu patrimônio e o reconhecem como tal. Essa iniciativa tem partido, em muitas instâncias, do ensejo e fomento que o órgão responsável pela gestão do patrimônio nacional tem subsidiado e do trabalho que muitos acadêmicos vêm desenvolvendo junto a essas comunidades (CHIAROTTI, 2005; FUNARI, 2012; PYBURN, 2011; SMITH, 2009).

Portanto, o que conhecemos como patrimônio precisa ser compreendido na sua complexidade, mas também na sua naturalidade e interação com a dinâmica local do qual o mesmo faz parte. Assim, entende-se que o arqueólogo em seu papel de cientista social utiliza dados da cultura material para interpretar o passado e compreender contextos socioculturais. Neste sentido estudar, documentar e divulgar parte da cultura material dos moradores que se encontram na região do Bajo Papaloapan é um caminho extremamente positivo para se

4 MÉXICO. Ley sobre protección y conservación de monumentos arqueológicos e históricos, poblaciones típicas y lugares de belleza natural, 19 de janeiro de 1934. Diario Oficial de la Federación, 19 de janeiro de 1934. Disponível em: <http://iisoc.sociales.unam.mx:9090/jsp/leyes/despliegaRekursivo.jsp>. Acesso em: fevereiro de 2021.

pensar numa ciência participativa, inclusiva e comunitária⁵.

O estudo de bens móveis (a citar os artefatos encontrados por agricultores, pescadores e demais moradores locais no Baixo Papaloapan), fornece por si só dados para compreensão do patrimônio cultural local/regional. Temos consciência que o contexto espacial desses artefatos se perdeu com a retirada aleatória do conjunto local, porém não inválida a possibilidade de estudos morfológicos e caracterização geral dessas coleções, para fornecer informações comparativas com os sítios e elementos materiais pesquisados por investigadores que atuam na região, a citar os trabalhos do Prof. Pedro Jimenez (2001), Profa. Maria A. Aguilar (2019), Profa. Xochitl del León Estrada (2004) y Jimenez y León Estrada (2010).

A metodologia de trabalho— neste primeiro momento—constituiu em visitas aos moradores que possuem coleções em suas residências, com o objetivo de levantar informações sobre procedência e localização espacial desses conjuntos, ano de obtenção dos mesmos, e dados sobre outras coleções locais/regionais. Posteriormente, após autorização dos mesmos⁶, foram tiradas fotografias gerais e específicas. Também, começou a se elaborar uma ficha preliminar de catalogação dessas coleções (artefatos) com o objetivo de gerar dados para se pensar em uma organização de acervos, e posteriormente realizar uma campanha de incentivo à doação dessas coleções ao museu comunitário local. Também, buscamos atuar no viés da arqueologia comunitária onde destacamos e procuramos construir uma pesquisa participativa. Mesmo porque a pesquisa participativa atua como outro método que os arqueólogos têm usado em projetos de arqueologia comunitária, estudo de acervos e extroversão do conhecimento, construindo dentro e fora dos muros das universidades e demais centros de pesquisa.

O objetivo central dessa investigação é levantar dados sobre essas coleções locais/regionais visando proporcionar uma abordagem que possa ser utilizada para orientar o planejamento, desenvolvimento e avaliação da arqueologia colaborativa ou comunitária⁷. Para

5 Os autores acreditam que seja relevante esclarecer o que consideramos como “cruzar informações da documentação com interpretação que a comunidade faz do patrimônio, dialogando com a Antropologia e Arqueologia Colaborativa”. No entendimento dos mesmos, quando se utiliza apenas a informação da comunidade para dados relacionados aos sítios arqueológicos da região, não se está fazendo uma prática arqueológica a partir do ponto de vista da comunidade. Apenas está utilizando como aparato metodológico ferramentas da Antropologia (pesquisa etnográfica), para obter informações a respeito desses objetos e sua relação com o patrimônio arqueológico local. Portanto, é sempre necessário reavaliar nossas observações definindo o lugar e a função da base antropológica, incorporando na pesquisa a perspectiva local. O que a população acha desses objetos? O que representam para a comunidade? Porque é importante as coleções para o fortalecimento da identidade na região?

6 Alguns moradores negaram possuir coleções de artefatos durante as visitas, mesmo a equipe tendo informações consistentes da existência desses artefatos. Outros permitiram que olhássemos suas coleções, porém não autorizaram que fotografássemos ou realizássemos qualquer outra análise relacionada.

7 Segundo Hayley Roberts et. al. (2020): A abordagem da arqueologia comunitária e arqueologia colaborativa são projetadas para ser aplicável em todo o campo do fazer e do saber arqueológico, proporcionando um caminho para a prática ética que beneficia a todos; por exemplo, fornecendo uma estrutura para aplicações de financiamento, ou orientando as melhores práticas ao incluir a arqueologia comunitária e colaborativa em contextos de planejamento e desenvolvimento. A abordagem também poderia ser incorporada à avaliação de projetos sociais e no âmbito da arqueologia preventiva, onde o potencial de compartilhamento e aprendizagem é alto. Por sua vez, isso aumentaria a transparência, aumentaria as normas e reduziria a ocorrência de más práticas.

tanto, enfatizamos nossa energia em questões tais como: Quais informações essas coleções particulares e fora de contexto podem fornecer sobre os grupos humanos que habitaram o Baixo Papaloapan? *Quem* são os detentores atuais e participantes ativos na manutenção da memória e da identidade local/regional? *Por que* estão envolvidos e por que insistem em manter esses artefatos no seio privado? Como o museu comunitário La Casa de las Mariposas pode construir uma ponte entre artefatos, pessoas e patrimônio, mesclando passado e presente através dos vestígios materiais encontrados no lugar? *Como* pretendemos conduzir a prática de uma arqueologia colaborativa e comunitária, ou seja, as interações entre os participantes, pesquisadores e os objetos de estudos.

ALGUMAS COLEÇÕES PARTICULARES DE MORADORES DO BAIXO PAPALOAPAN.

As imagens apresentadas abaixo são apenas um pequeno percentual ilustrativo de um universo muito maior de coleções arqueológicas documentadas e que se tem notícia durante conversas e visitas a moradores locais da região de Tlacojalpan. Dados complementares puderam ser levantados durante atividades também na região de Paraíso del Novillero e Otatitlán.

PARTE DA COLEÇÃO DO SR. MARGARITO DURÁN FABIAN (50 ANOS, MORADOR DE TLACOJALPAN)

Realizamos várias visitas a casa do Sr. Margarito D. Fabian e família, com o objetivo de fotografar e coletar dados sobre a procedência dos artefatos em sua posse. Em seu acervo, encontramos uma diversidade de figurillas de argilas com representações antropomorfas e zoomorfas, vasilhames cerâmicos de diferentes formas e tamanhos, ferramentas líticas muitas delas feitas de obsidiana, colares com contas e materiais malacológico, carimbos e muitos outros artefatos fragmentados que necessitam de uma melhor caracterização de sua morfologia (Figuras 03 a 07). Segundo o mesmo, muitos foram achados durante trabalhos de aragem e plantação em sua propriedade (lugar epicentro do Cerro de La Campana – provavelmente uma necrópole funerária de grupos que habitaram toda a Cuenca del Papaloapan)⁸. Segundo o morador, para além dos artefatos coletados na propriedade, tantos

⁸ Zona Arqueológica “La Campana”: Este sitio pertenece al Municipio de Tlacojalpan, se ubica a 7.3 kilómetros de la Villa de Otatitlán y 4.3 kilómetros del poblado de Tlacojalpan. Los montículos se aprecian desde la carretera. Área platanera y cañera que son propiedad privada. La zona arqueológica fue construida en una planicie. Originalmente el asentamiento fue construido sobre la margen derecha del río Papaloapan. Alberga 21 montículos de diversos tamaños sin guardar una relación entre sí de acuerdo a su distribución. Es un asentamiento muy cercano al río (JIMENEZ, 2001). Por la cercanía que hay entre sitio y otro llamado Playa María de Otatitlán, con certeza se piensa formaban uno solo. Estas reflexiones permiten deducir que se trata del sitio más grande

outros foram adquiridos através de doações e até mesmo compra de moradores locais que o ofereciam quando encontravam dentro e nas margens do rio. Ele nos falou que tem consciência que não se podem comprar esses objetos. Mas esclareceu que os adquiriu porque de uma forma ou de outra eles seriam repassados a outras pessoas em outros trechos do estado ou país, e que por segurança os conseguiu numa tentativa de manter o patrimônio local protegido e permanecendo na cidade. O sentimento e objetivo é extremamente nobre, e durante as visitas e contato com esses artefatos pudemos constatar sua dedicação e comprometimento com o patrimônio local, a memória e a militância em preservar e valorizar elementos de sua cultura. É oportuno mencionar que o Sr. Fabian possui uma das – se não a maior – coleção arqueológica privada por parte de moradores da cidade. Contou-nos ainda que sua coleção era muito maior e que parte do material foi doado a alguns anos atrás para o Museu Comunitário.



FIGURA 03 – VASILHAMES CERÂMICOS (ARTEFATOS COM DIFERENTES FORMAS E UTILIZAÇÃO).

É importante esclarecer e mencionar que boa parte dos contatos e documentação levantada neste trabalho só foi possível devido ao esforço feito pelo Sr. Margarito Fabian e recomendações de onde e quando procurar determinadas pessoas e famílias. Graças a ele visitamos – durante duas ocasiões – a região do Cerro de La Campana epicentro onde muitos desses vestígios são encontrados e coletados (infelizmente retirados de contexto) (Figura 08).

localizado en la región. Fue en este sitio donde se hizo uno de los hallazgos más importantes del estado de Veracruz, una gran urna funeraria conteniendo una osamenta femenina y una elaborada ofrenda. Lo que posteriormente se convierte en el proyecto de la Dama de Tlacojalpan, Xochiatsih, Cumbre del Origen y Expresión de la Cuenca, festival que fue decretado en su momento por el Gobernador del Estado, como Patrimonio Cultural del Estado de Veracruz. Informação disponível em: www.tlacojalpan.gob.mx/patrimonio



FIGURA 04 – FIGURILLAS DE BARRO (ARTEFATOS COM REPRESENTAÇÕES ANTROPOMORFAS E ZOOMORFAS).



FIGURA 05 – ARTEFATOS LÍTICOS DE DIFERENTES FORMAS, MATÉRIA PRIMA E FUNÇÕES.



FIGURA 06 – ARTEFATOS LÍTICOS DE OBSIDIANA DE DIFERENTES FORMAS E FUNÇÕES.



FIGURA 07 – COLAR FEITO COM CONTAS, MATERIAL MALACOLÓGICO E OSSO.



FIGURA 08 – SR. MARGARITO DURAN FABIAN APRESENTADO PARTE DE SUA COLEÇÃO PARTICULAR.

PARTE DA COLEÇÃO DO SR. EDY BARRANCA HERRERA (38 ANOS, MORADOR DE TLACOJALPAN)

O Sr. Edy Barranca Herrera também é morador da cidade e agricultor. Ele nos contou que coleciona artefatos dessa natureza há muitos anos e que é muito comum encontrá-los durante as atividades no campo. Sua coleção inclui *figurillas* de barro, vasilhames cerâmicos, ferramentas lítica de diferentes materiais, formas e tamanhos, a citar os líticos de obsidiana (Figuras 09 e 10). É oportuno mencionar que o Sr. Herrera nos disponibilizou acesso a toda sua coleção e sugeriu que realizássemos uma documentação mais exhaustiva em um segundo momento. Ele esclareceu ainda que muitos outros moradores possuem artefatos em suas residências, mas que escondem ou dizem não as possuir porque tem medo que o governo local realizem buscas e apreensões desses materiais. Se percebeu que sua coleção possui dezenas de artefatos não apenas típicos da região de Tlacojalpan, mas também de outras localidades como a região de Novillero. Ele nos contou que nunca vendeu quaisquer dos vestígios encontrados e que os guarda como uma forma de coleção particular.



FIGURA 09 – SR. EDY B. HERRERA APRESENTADO PARTE DE SUA COLEÇÃO PARTICULAR.



FIGURA 10 – VISTA PARCIAL DE SUA COLEÇÃO PRIVADA COM DIFERENTES ARTEFATOS.

PARTE DA COLEÇÃO DO SR. PEDRO GONZÁLES (42 ANOS, MORADOR DE TLACOJALPAN)

A coleção encontrada com a família Gonzáles, especialmente adquirida pelo patriarca da família, o Sr. Pedro Gonzáles é reflexo de como essa prática é bastante corriqueira na região do baixo Papaloapan. Segundo o Sr. Pedro esse material foi encontrado durante pescarias no rio, em trechos relativamente próximos do Cerro de La Campana. Ele nos contou que existia muito mais e que foram “*dados*” para um senhor alemão que esteve na região. Segundo o Sr. Gonzáles esse andarilho levou parte desse material com ele durante retorno a Xalapa, ou Ciudad do México. Ele acredita que muitos desses outros artefatos foram levados para a Alemanha por este senhor, porem não tem certeza. Contou-nos, ainda, que após adquirir esses artefatos “*ninguém nunca mais o viu na região ou não se teve mais noticia nenhuma dele*”. Segundo outros membros da sua família muitos artefatos de pedra também existiam, mas que se perderam durante uma série de mudanças da família. Outros podem ter sido jogados fora pelas crianças da casa.

O que constatamos é que as pessoas se sentem bastante reservadas quando buscamos levantar dados sobre as coleções arqueológicas locais. Sempre que podem afirmam que doaram peças para o museu local e que essas em sua posse são apenas peças de “*menor valor estético e também que não serviriam para as exposições locais, porque estão quase todas em pedaços e não prestam*”. Isso é parte do discurso ouvido durante as atividades.



FIGURA 11 – SR. PEDRO GONZÁLES APRESENTADO PARTE DE SUA COLEÇÃO PRIVADA.

PARTE DA COLEÇÃO DO SR. FELIPE HERRERA (64 ANOS, MORADOR DE TLACOJALPAN)

A coleção de posse do Sr. Felipe Herrera foi repassa pelo seu pai e tem pelo menos uns 30 anos na família. São peças de argila como *figurillas* antropomorfas e zoomorfas algumas parcialmente fragmentadas. Também existem algumas ferramentas líticas. Muitas das peças de cerâmica são cabeças e falta o restante dos corpos. As coleções mais completas desse tipo de artefatos podem ser vistoriadas nas coleções do Sr. Margarito Fabian e do Sr. Edy Herrera.

Segundo informações do proprietário e outros membros da sua família existiam muitas outras peças que foram perdidas ou furtadas de sua residência por um individuo que eles preferiram não citar o nome ou a relação com a família. Segundo o Sr. Felipe, muitas dessas peças foram adquiridas durante atividades de aragem em terras localizadas na malha do Cerro de La Campana. Outras mais foram coletadas em trechos da “*prainha*” um afloramento de areia (barranco de areia) localizado nas proximidades da malha urbana de Tlacojalpan. Muitas dessas peças se desprendem do solo e são arrastadas rio abaixo para perímetros próximos do setor central da cidade.



FIGURA 12 – SR. FELIPE HERRERA APRESENTADO PARTE DE SUA COLEÇÃO PRIVADA.



FIGURA 13 – FIGURILLAS DE BARRO E OUTROS ARTEFATOS (PARTE DE SUA COLEÇÃO PRIVADA).

DISCUSSÃO PRELIMINAR E CONSIDERAÇÕES FINAIS: DE QUEM E PARA QUEM É ESSE PATRIMÔNIO?

A apresentação de parte das coleções arqueológicas encontradas sob a tutela de moradores locais no baixo Papaloapan chama atenção para o potencial arqueológico e cultural da região, mas também sinaliza sobre as transformações e diferentes situações em que o patrimônio arqueológico se encontra. Muito embora, isso não seja uma situação específica do México, mas pode ser observada em muitos outros contextos das Américas, por exemplo. O que se constata inicialmente durante os trabalhos de visita e documentação preliminar realizada com alguns dos moradores de Tlacojalpan e Paraíso del Novillero, é que essa prática perpassa muitas gerações locais. Durante parte das entrevistas, se ouviu frases como *“essas coisas já estão na minha família há muito tempo...”* ou *“essas peças foram encontradas pelo meu bisavô e foi guardada pelo meu avô, que passou para meu pai e que me deu algum tempo atrás...”*. Portanto, são elementos que estão diretamente relacionados com a vida particular e social dessas famílias e comunidades.

Essas coleções arqueológicas são representações físicas de coletas fortuitas e pesquisas passadas, mas, sobretudo presente na região da Cuenca. Para se estudá-las, caminhamos por uma realidade que é tão simples e complexa quanto essa afirmação. O ato de inventário, adesão, catalogação, conservação e curadoria são todos orientados para auxiliar futuros pesquisadores a usar, entender e recuperar a importância de um acervo arqueológico específico como os que encontramos tanto por membros da comunidade, quanto as coleções depositadas no museu comunitário de Tlacojalpan (VARGAS VELÁSQUEZ, 2007; CONTRERAS, 2007; CABANAS, 2007).

O que se tem buscado na região foco dessa pesquisa é justamente um modelo teórico-metodológico que permita associar, ressignificar ou até mesmo incorporar e interpretar esses vestígios do ponto de vista da Arqueologia Colaborativa e Comunitária. Mesmo porque, existem paralelos importantes entre coleções arqueológicas, documentação das mesmas e as futuras reflexões construídas através desses objetos de estudo e sua dinâmica com as pessoas.

Entendemos que esses aportes são resultados da coleta de registros, contendo fontes primárias de informação que se acumularam ao longo do passado da região e permanecem vivas através das interpretações e guarda desses objetos em diferentes espaços e tempos (CONTRERAS, 2007; CABANAS, 2007; VARGAS VELÁSQUEZ, 2007). Aproximar-se de uma coleção arqueológica, como o ato de documentar coleções descontextualizadas e guardadas por moradores locais, requer uma dinâmica e um treinamento, praticidade e acima de tudo, ter uma mente curiosa disposta a fazer novas perguntas, novas induções e reorganizar as informações anteriormente identificadas e caracterizadas.

Portanto, o que pretendemos com esse projeto inicial é justamente buscar subsídios

para estudo dessas coleções, analisando-as sob a ótica dessa arqueologia colaborativa e/ou comunitária. Pelas mesmas serem partes das vertentes da arqueologia que busca envolver comunidades nas pesquisas arqueológicas e nas iniciativas de representação de seu patrimônio cultural. O campo possui muitas afinidades com a arqueologia pública. Há um debate sobre se os termos são intercambiáveis ou se a arqueologia comunitária não seria uma forma de arqueologia pública. Em primeiro lugar, a arqueologia comunitária envolve as comunidades «no planejamento e na execução de projetos de pesquisa que lhe são de interesse direto». Em segundo lugar, os arqueólogos comunitários geralmente acreditam que possuem uma visão altruísta sobre o outro dando voz às comunidades. Muitos estudiosos no assunto argumentaram que não existe um método pré-definido de colaboração da comunidade na investigação arqueológica (FERREIRA, 2008; KERBER, 2006; KUHNS, 2008). E, não existindo uma “padronização” nesse fazer científico e sua relação com as comunidades diretamente relacionadas aos sítios ou vestígios arqueológicos, partilhamos das considerações de H. Roberts e colaboradores (2020) quando consideram que

As comunidades não são homogêneas, simples ou estáticas. No entanto, comunidade é uma palavra que se tornou importante no discurso político e que tem permeado as estruturas de gestão da arqueologia, do ambiente e do fazer histórico. Uma vez que a comunidade implica a noção de pertencimento, a arqueologia comunitária é frequentemente reivindicada para ajudar os indivíduos a se sentirem incluídos (ROBERTS et. al., 2020, p. 46)

A forma como a Arqueologia Comunitária e Arqueologia Colaborativa são conduzidas tem mais a ver com as interações entre os participantes do que com métodos arqueológicos específicos. Este tem sido, muitas vezes, um tema central no debate teórico sobre o que constitui essas linhas investigativas, para além delas, temos ainda o estudo das coleções arqueológicas do ponto de vista técnico e funcional.

Os trabalhos que se seguirão posteriormente na região e com as comunidades locais, provavelmente estarão condicionados a testar os modelos e possibilidades de documentar e caracterizar esses conjuntos arqueológicos, bem como, testar os diferentes métodos da arqueologia colaborativa e da arqueologia comunitária com o intuito de construir um modelo que atue de forma produtiva e positiva na gestão desses acervos particulares, uma vez que existe uma variedade de relações entre as comunidades e o pesquisador e entre os próprios detentores desses vestígios materiais que aqui apresentamos.

Essas coleções, suas interpretações e a dinâmica das relações pessoais construídas entre os envolvidos, aqui definidos e apresentados como um estudo de caso foi pensado e desenvolvido de forma única, de acordo com aqueles que participaram, suas motivações e a arqueologia envolvida, tanto no resgate de informações, memórias e narrativas antigas, mas

também recentes.

As coleções documentadas e algumas delas apresentadas aqui, bem como este artigo têm sido utilizadas para demonstrar avaliação crítica da arqueologia comunitária através de uma abordagem que utiliza e que permite a inclusão e reflexão por parte dos sujeitos ativos na comunidade. A abordagem pode ser utilizada para incentivar o desenvolvimento, a execução e a avaliação de modelos de pesquisa para os trabalhos futuros na região. Os temas sugeridos e o norte escolhido nesse trabalho inicial devem ser visto como um ponto de partida. Reavaliação e reflexão durante a continuação do projeto em curso também serão cruciais para o sucesso.

Essa abordagem de documentação/caracterização das coleções e suas reflexões decorrentes das vertentes da arqueologia colaborativa e comunitária serão temas a se pensar e refletir na construção de um conhecimento participativo local/regional. Uma vez que amplia a importância ao visualizar cada um dos contextos vistoriados. A transparência garantirá que as comunidades não sejam enganadas ou deturpadas, que os participantes estejam plenamente satisfeitos e que o registro arqueológico possa receber o máximo benefício documental e interpretativo. Isso é particularmente importante quando se busca conduzir a arqueologia de forma responsável e ética.

Mesmo porque, os caminhos para se construir pontes entre a conservação, preservação e manutenção dos vestígios arqueológicos encontrados no Baixo Papaloapan seja a possibilidade de ampliar a visibilidade do Museu Comunitário La Casa de las Mariposas de Tlacojalpan. A conscientização para uma população que ignora amplamente o que é um museu comunitário e arqueológico (e pouquíssimos já visitaram algum) precisa se inserida nos debates acadêmicos e sociais locais, buscando com isso sinalizar para a importância deste espaço e de suas coleções para essas comunidades, assim como os benefícios diretos e indiretos que receberão com a valorização e preservação desse espaço e desses vestígios. Outro ponto é a disseminação da ideia de patrimônio tanto cultural quanto natural. Buscando alcançar diferentes públicos (crianças, jovens adultos e idosos). Assim, realizando uma divulgação da existência do lugar alcançará um maior número de pessoas que se sintam curiosas para conhecerem o Complexo Cultural “La Casa de las Mariposas” (Figura 14).



FIGURA 14 – VISTA FRONTAL DO MUSEU COMUNITÁRIO LA CASA DE LAS MARIPOSAS/TLACOJALPAN.

Por fim, vale ressaltar que dos testemunhos recolhidos durante esta etapa de trabalho, obtivemos um grande número de informações que atuam como desafios e possibilidades para continuidade das investigações no lugar. Em relação às coleções, dados mais sistematizados e relatórios técnicos serão elaborados durante a ampliação do projeto em questão. A arqueologia colaborativa e comunitária é o caminho para concretização de muitas das ideias levantadas nesse primeiro momento, ao passo que muitas delas puderam ser repensadas durante os diferentes diálogos com as comunidades que integram o baixo Papaloapan, especialmente os tlacojalpeños. Em se tratando do museu comunitário o que eles esperam do Complexo Cultural “La Casa de las Mariposas”, é a possibilidade de mudança e de uma melhor qualidade de vida, talvez motivados pelos projetos sociais relacionados ao mesmo, ou até mesmo pelo turismo que ainda é bastante incipiente. Muitos deles acreditam que o museu será uma alternativa contra a ociosidade de boa parte dos jovens e também uma opção de conhecimento de novas tarefas e ofícios, janela para aprender coisas novas e desenvolver aquelas que estão latentes, espaço para resgatar as tradições e costumes locais que estão se perdendo. Houve quem expressasse boas intenções e até “*bons votos*” e “*sucesso nessa caminhada*”, durante nossas atividades in loco, o que atua como incentivo para ampliarmos o campo de uma ciência inclusiva, participativa, e que forneça esperança para a comunidade tlacojalpeña e também para muitos outros grupos que compõe a Cuenca del Papaloapan.

AGRADECIMENTOS

Os autores gostariam de agradecer as seguintes entidades e famílias que colaboraram de



forma ativa e nos forneceram estrutura para o desenvolvimento de boa parte desse trabalho e deixaram o caminho livre para sua continuação: Instituto de Investigaciones Historico-Sociales (IIHS) e Facultad de Antropología (FA) ambos da Universidad Veracruzana – UV, Museo Comunitario La Casa de Las Mariposas de Tlacojalpan, Asociación Civil de Desarrollo Cultural de Tlacojalpan, Derección de Panga, Iglesia de San Cristóbal. Agradecimento ao geólogo Pablo Hernandez (ANEAS – México), pelos esclarecimentos em campo e por nos permitir integrar e participar da sua equipe durante atividades em diferentes trechos do rio Papaloapan, coletando amostras de sedimentos em profundidade para futuras datações e pesquisas voltadas para avaliação da degradação do rio nos dias atuais. Também, os autores agradecem enormemente as seguintes famílias: Familia Amador, Familia Durán Fabian, Familia Gonzáles, Familia Castro Ruiz, Familia Herrera, Familia Contreras, Familia Velásquez, Familia Alvarez e muitos outros sujeitos individuais que cruzaram nosso caminho tanto nas cidades quanto nas incursões pelo baixo Papaloapan, e também pelos caminhamentos na região do Cerro de La Campana. Sem esse suporte e apoio muitos dos dados ou reflexões não poderiam ter sido realizados

REFERENCIAS

- AGUILAR, P. M. A. **Arqueología de superficie en la Cuenca del Papaloapan, Veracruz**. En *Clio Arqueologica*, 34(2): 76-96. DOI: 10.20891/clio.V34N2p76-96, 2019.
- ATALAY, S. **Community – Based Archaeology: Research with, by, and for Indigenous and Local Communities**, Berkeley: University of California Press, 2012.
- CONTRERAS, E. M. **Ubicación de las Figurillas Prehispánicas Antropomorfas del Sitio Arqueológico El Zapote, Municipio de Tlacojalpan, Ver.** Xalapa. Tesis/Facultad de Antropología – UV, 2007.
- CABANAS, J. Á. R. **“El Socorro” un Complejo Residencial Prehispánico en el Bajo Papaloapan, municipio de Tlacojalpan, Ver.** Xalapa. Tesis/Facultad de Antropología-UV, 2007.
- CHIAROTTI, T. M. 2005. **O Patrimônio Histórico Edificado como um artefato arqueológico: uma fonte alternativa de informações**. In *Habitus: Goiânia*.
- ENCICLOPEDIA DE LOS MUNICIPIOS DE MÉXICO: **TLACOJALPAN Y EL BAJO PAPALOAPAN** (em espanhol). Gobierno Estatal. 2009.
- FERREIRA, L. M. **Sob o fogo cruzado: arqueologia comunitária e patrimônio cultural**. *Revista de arqueologia pública*. 3 (1): 81-92. 2008.. Consultado em 10 de fevereiro de 2021.
- FUNARI, P. P. 2012. **Desaparecimento e emergência dos grupos subordinados na arqueologia brasileira**. In *Horizontes antropológicos*. Porto Alegre, ano 8, n.18: 131-153.



JIMENEZ, L. P. **La arqueología en la Cuenca Baja del Río Papaloapan, Veracruz, México (primeiros resultados).** En *Actas Latinoamericanas de Varsovia*, no. 24: 11-31, 2001.

JIMENEZ, L. P. y LEON ESTRADA, X.A.. **El patrón de asentamiento y la obsidiana en el Bajo Papaloapan-Veracruz Central, México.** En *Clio Arqueologica*, 25(1): 51-95, 2010.

KERBER, J. E. **Cross-Cultural Collaboration: Native Peoples and Archaeology in the Northeastern United States.** Lincoln and London, Nebraska: University of Nebraska Press, 2006.

KIRCHHOFF, P. **MESOAMÉRICA en la revista *Acta Americana***, 92: pág. 107; reeditado en *Dimensión Antropológica* (9), versión electrónica, 1943. Texto consultado em 10 de Janeiro de 2021.

KUHNS, E. **A participatory action research approach to collaborative archaeology**, World Archaeological Congress. Dublin, Ireland, 2008.

LEON ESTRADA, X. A. **Artefactos e instrumentos líticos. La obsidiana del Bajo Papaloapan, municipios de Otatitlan y Tlacojalpan.** Tesis de Licenciatura, Universidad Veracruzana. 2004.

LIMA FILHO, S. L. de. **Construindo Vínculos e Sentimentos: por uma arqueologia social colaborativa e ambiental na região de Tlacojalpan Baixo Papaloapan, Veracruz – México.** Relatório Final de Pós-Doutorado. IHS-Universidad Veracruzana – UV, Xalapa – México, 2020. 250p.

MARSHALL, Y. **What is community archaeology?** *World Archaeology*, 34(2), 211-219, 2002.

MÉXICO. **Ley sobre protección y conservación de monumentos arqueológicos e históricos, poblaciones típicas y lugares de belleza natural**, 19 de janeiro de 1934. Diario Oficial de la Federación, 19 de janeiro de 1934. Disponível em: <http://iisoc sociales.unam.mx:9090/jsp/leyes/despliegaRecursivo.jsp>. Acesso em: fevereiro de 2021.

MILEK, K. **Arqueologia transdisciplinar e o futuro da prática arqueológica: ciência cidadã, ciência portátil, ciência ética**, *Revisão Arqueológica Norueguesa* 51(1-2), 36-47, 2018.

MCGUIRE, R. H. **Archaeology as Political Action.** Berkeley, California/Los Angeles/London: University of California Press, 2008.

_____. **A Arqueologia como ação política: o Projeto Guerra do Carvão do Colorado.** Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, Suplemento 3: 387-397, 1999.

PYBURN, K. A. **Arqueologia engajada: de quem é a comunidade? Qual público?** em K. Okamura e A. Matsuda (eds) *Novas Perspectivas na Arqueologia Pública Global*, Nova York: Springer, 29-41, 2011.

SIMEON, R. 1997. **Diccionario de la lengua Nahuatl o Mexicana.** Siglo XXI Editores. México.

SMITH, L. W. **Heritage, Communities and Archaeology.** Londres: Gerald Duckworth and Co. 2009.

RIBEIRO, M. C. & LIMA FILHO, S. L. de. 2021. **Patrimônio histórico edificado do sudoeste baiano: muros de pedra em Caetité e Pindaí – Bahia.** FUIMOS PECES | REVISTA DIGITAL, Año 4, No. 14, Noviembre 2020-Febrero 2021/Xalapa, Veracruz, México. No. 04-2017-060214264100-203. www.fuimospeces.mx



ROBERTS, H., GALE, J. & WELHAM, K. **A Four Stage Approach to Community Archaeology. Cases in United Kingdom.** Internet Archaeology, 55. 2020.

STILLE, A. **A Destruição do Passado: como o desenvolvimento pode ameaçar o futuro da humanidade. São Paulo.** Editora ARX, 2005.

VARGAS VELÁSQUEZ, A. G. **Vinculación de la Investigación Arqueológica con la comunidad. El caso del Complejo Cultural “Casa de las Mariposas” de Tlacojalpan, Veracruz.** Xalapa, FACULTAD DE ANTROPOLOGÍA, Universidad Veracruzana – UV, 2007.